



CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

YASMIM ANDRADE DE CAMPOS

**IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA
MULHERES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE:
UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA**

Apucarana
2025

YASMIM ANDRADE DE CAMPOS

**IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA
MULHERES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE:
UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Bacharelado em Psicologia da
Faculdade de Apucarana – Fap,
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Esp. Amanda
Maria de Almeida Ramalho.

Apucarana
2025

YASMIM ANDRADE DE CAMPOS

**IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA
MULHERES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE:
UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Bacharelado em Psicologia da
Faculdade de Apucarana – Fap,
como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Psicologia, com
nota final igual a _____, conferida
pela Banca Examinadora formada
pelos professores:

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a Esp. Amanda Maria de
Almeida Ramalho.
Faculdade de Apucarana.

Prof.^a Ma. Giovana Maria Mourinho
Ferreira.
Faculdade de Apucarana.

Prof.^a Dra. Rafaela Cristine Merli.
Membro externo – UEL.

Apucarana, ____de _____de 2025.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me sustentado até o fim dessa jornada acadêmica. Obrigada por acalmar meu coração diante de momentos que imaginei não conseguir superar e pelo discernimento para conseguir conciliar minha rotina. A conclusão deste curso é a prova viva de: “quando for a hora certa, Eu, o senhor farei acontecer!” (Isaías, 60:22).

Dedico este trabalho aos meus pais, Marcos e Emiliana, por serem meus pilares. Expresso aqui minha eterna gratidão por não medirem esforços por nossa família. Mesmo em momentos de dificuldade, fazem o possível e impossível por mim e pelo Vyctor.

À minha avó, Maria Andrade Rezende, tenho apenas a agradecer. Meu maior exemplo de empoderamento e determinação, a qual exerce seu papel como matriarca da família com excelência. Obrigada por tanto.

Às demais pessoas que fazem parte do meu ciclo social: namorado, amigos e familiares, expresso aqui meu muito obrigada. Agradeço por todo incentivo, carinho, amor e por terem me acompanhado em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins. Posso afirmar que tornaram a caminhada mais leve.

Dedico também aos meus professores por todos os ensinamentos que me ampararam nesta jornada. Em especial, à minha orientadora, Amanda Ramalho, por sua maestria, sensibilidade e paciência durante a elaboração deste trabalho.

Por fim, agradeço ao curso de Psicologia por me fazer enxergar a vida com mais leveza e maturidade. Posso afirmar que eu, Yasmim Andrade de Campos, fui transformada no decorrer desses cinco anos. Enfim, o sentimento que melhor me define é a gratidão.

“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará tuas veredas”

Provérbios, 3: 5-6.

IMPACTOS DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA MULHERES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA

CAMPOS, Y. A. de¹

RAMALHO, A. M. A. de²

RESUMO

Este artigo aborda a violência sexual contra mulheres e seus impactos na formação da subjetividade, sob uma perspectiva psicanalítica. O tema é introduzido a partir da constatação da violência sexual como uma grave violação dos direitos humanos que, além de causar danos físicos, compromete o desenvolvimento psíquico e emocional das vítimas, afetando profundamente suas relações interpessoais, autoestima e identidade de forma duradoura. O problema de pesquisa centra-se na seguinte indagação: de que maneira a violência sexual vivenciada por mulheres pode afetar seu desenvolvimento psíquico e emocional ao longo da vida? Assim, o estudo tem por objetivo investigar os possíveis impactos dessa violência na formação da identidade feminina, considerando seus efeitos emocionais e relacionais, a partir da ótica da psicanálise. Nesse sentido, foram selecionados autores qualificados como Winnicott, Freud e Ferenczi, abordando o trauma psíquico, o desenvolvimento emocional e a possibilidade de resignificação do sofrimento através do processo analítico. A metodologia consiste em uma revisão bibliográfica integrativa, de natureza qualitativa, utilizando artigos que tratam da temática, a fim de promover uma análise crítica e aprofundada do fenômeno estudado.

Palavras-chave: Violência sexual. Psicanálise. Subjetividade feminina. Trauma. Resignificação do trauma.

1 Yasmim Andrade de Campos, Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2025. Contato: yasmim.campos1302@gmail.com

2 Amanda Maria de Almeida Ramalho, Orientadora da Pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2025. Contato: amanda.ramalho@fap.com.br

ABSTRACT

This article addresses sexual violence against women and its impacts on the formation of subjectivity from a psychoanalytic perspective. The topic is introduced based on the recognition of sexual violence as a serious violation of human rights that, in addition to causing physical harm, compromises the psychological and emotional development of victims, profoundly affecting their interpersonal relationships, self-esteem, and identity in a lasting manner. The research problem focuses on the following question: how can sexual violence experienced by women affect their psychological and emotional development throughout life? Thus, the study aims to investigate the possible impacts of such violence on the formation of female identity, considering its emotional and relational effects from a psychoanalytic perspective. In this regard, renowned authors such as Winnicott, Freud, and Ferenczi were selected, addressing psychological trauma, emotional development, and the possibility of re-signifying suffering through the analytical process. The methodology consists of an integrative bibliographic review of a qualitative nature, using articles related to the theme in order to promote a critical and in-depth analysis of the phenomenon studied.

Keywords: Sexual violence. Psychoanalysis. Female subjectivity. Trauma. Reinterpretation of trauma.

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa a respeito da violência sexual contra mulheres e seus impactos na formação da subjetividade, sob um viés de análise psicanalítica, aborda principalmente a evolução psíquica e emocional de mulheres ao longo de sua trajetória de vida. Entende-se por abuso sexual uma situação em que a vítima tem sua sexualidade invadida e consequentemente usada como gratificação sexual de outro, envolvendo a manipulação de genitais, carícias nas mamas, exibicionismo, ato sexual com ou sem penetração, voyeurismo, entre outros (Granjeiro, 2013).

No Brasil, no ano de 2022, dados do Instituto Patrícia Galvão, indicados no “cronômetro da violência”, apontaram um registro total de 83.988 casos de estupro feminino (Instituto Patrícia Galvão, 2022). Consequentemente, é nítido que carregar o fardo de ser mulher ainda é visto como sinônimo de violência, a qual não se limita às ruas, ao transporte público ou espaços de lazer, mas muitas vezes presente no próprio ambiente familiar, sendo uma realidade marcada por relações de poder e afetividade com o agressor (Cavalcanti, 2012).

No que tange a respeito das consequências para a vítima, Porto (2006), reforça a ideia de que o abuso sexual pode deixar graves sequelas no âmbito econômico, social e principalmente psíquico. Por esses motivos, o autor supracitado evidencia que em atendimentos psicológicos frequentemente são encontradas mulheres com sintomas de ansiedade, depressão, medo, angústia, insônia e outros padrões de comportamento advindos pela vivência dessa situação traumática. Dessa forma, os autores Venâncio e Leal (2004) articulam a respeito da atuação do profissional de Psicologia acerca dessas circunstâncias, tendo como objetivo principal assegurar a saúde psicológica de vítimas, impedindo o desenvolvimento de desequilíbrios e distúrbios mentais, através de intervenções elaboradas baseadas na necessidade individual de cada paciente.

Soma-se a isso sua relevância legal e político-social na atualidade, evidenciando a importância de estudos sobre a temática para fomentar mudanças culturais de combate às atitudes patriarcais e preconceituosas, que transgridem os direitos femininos através de padrões marcados pelo desrespeito e objetificação de mulheres. Por fim, quanto aos meios acadêmicos, o presente artigo visa contribuir para a compreensão dos efeitos psíquicos do abuso sexual e para o aprimoramento de intervenções terapêuticas.

METODOLOGIA

Este trabalho tem como foco principal a análise dos impactos do abuso sexual na formação da subjetividade feminina ao longo da vida, sob a perspectiva da teoria psicanalítica. Optou-se pela realização de uma revisão de literatura integrativa, conforme orientações metodológicas de Marconi e Lakatos (2017), que destacam a importância da pesquisa bibliográfica como instrumento fundamental para a compreensão e aprofundamento de fenômenos complexos por meio da análise crítica de material já publicado.

A escolha metodológica baseia-se em uma abordagem qualitativa de caráter teórico-reflexivo, visto que a mesma “caracteriza-se por um processo mais subjetivo e descritivo, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos sociais e humanos” (Gil, 2008, p. 42). Para a realização da revisão bibliográfica integrativa, foram utilizadas bases de dados científicas nacionais e internacionais, a saber: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed e Google Acadêmico. A seleção dos materiais ocorreu a partir de descritores relacionados à temática, como “violência sexual”, “abuso sexual”, “psicanálise”, “trauma psíquico” e “subjetividade feminina”, priorizando artigos, livros e documentos publicados em língua portuguesa e inglesa, que apresentassem relevância teórica e consonância com o objetivo proposto pelo estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenvolvimento maturacional infantil

Através de sua experiência clínica, Winnicott (1988) descreveu o trauma como um reflexo de falhas ambientais ocorridas no decorrer do desenvolvimento infantil, principalmente na relação mãe-bebê. De acordo com o autor, essas primeiras experiências infantis são altamente determinantes para o indivíduo e podem refletir em facilitadores ou dificultadores de seu desenvolvimento sexual, variando de acordo com suas relações ambientais.

Sendo assim, Winnicott (1988), enfatiza que nas fases iniciais da vida a mãe é vista como um escudo. Essa relação de manutenção constante de cuidados, favorece a relação de confiança nos objetos, porém caso haja um interrompimento desses investimentos, é possível que inicia-se a desconfiança do ambiente externo,

resultando em falhas na constituição do ego e de sua personalidade, além de ocasionar impactos a longo prazo, como o sentimento de fracasso e traumas (Winnicott, 1988). Considerando que, de acordo com o autor, para o bebê os investimentos maternos tornam-se uma unidade, é essencial que o desenvolvimento ocorra de forma saudável, ao passo que tudo será visto como uma projeção regida exclusivamente pelo princípio do prazer.

À medida em que o sujeito adquire maturidade emocional, segundo Winnicott (1988), passa a identificar objetos fora de seu controle onipotente, ou seja, não obtém uma relação apenas subjetiva. Portanto, o autor afirma que é nesse momento em que há a possibilidade de reconhecer aspectos violentos e relacioná-los a aspectos eróticos, bem como será onde o indivíduo ampliará seu conceito de fantasia e senso de realidade. A partir dessa cisão de personalidade há o alcance da dependência relativa, possibilitando que a ilusão de onipotência abra espaço ao reconhecimento do fracasso, bem como o princípio do prazer seja apresentado ao princípio da realidade (Winnicott, 1988). Por esses motivos, a primeira infância é considerada um determinante para a constituição da personalidade infantil.

No que tange ao trauma, Winnicott (1994) evidencia ser um sentimento de ódio do sujeito frente ao fracasso em desempenhar suas funções, rompendo sua idealização com determinado objeto. Além disso, para o autor o trauma:

É aquilo contra o qual o indivíduo não possui uma defesa organizada, de maneira que um estado de confusão sobrevém seguido talvez de uma reorganização de defesas, defesas de um tipo mais primitivo do que as que eram suficientemente boas antes da ocorrência do trauma [...] Em outras palavras, experienciaram trauma e suas personalidades têm de ser construídas em torno da reorganização de defesas que seguem os traumas, defesas que devem precisar reter aspectos primitivos, tais como a cisão de personalidade (Winnicott, 1994, p. 201).

Dessa forma, Winnicott (1965) evidencia que uma situação traumática pode desenvolver-se de diferentes formas, tais como: quando o ambiente não é confiável, em momentos que criança é ferida em suas relações ou ainda, ao ser exposta a conteúdos inadequados para sua idade. Por fim, o autor ainda destaca a função da família em proteger a criança de traumas “grosseiros”, os quais são de caráter invasivo e molestadores, com o potencial de causar consequências malignas para o bebê ao decorrer de sua vida. Consequentemente, é nessa perspectiva que enquadra-se o

abuso sexual, considerado uma violência cometida sem o consentimento da vítima, resultando em sérios prejuízos emocionais e sofrimento intenso, os quais passam a fazer parte do cotidiano da pessoa afetada (Winnicott, 1965).

Impactos no desenvolvimento emocional e psicológico

Entende-se que o abuso sexual e suas consequências sobre a saúde da vítima são inicialmente uma violação dos direitos humanos, não escolhendo cor, raça, credo, etnia, sexo e idade para acontecer. Importante destacar que, segundo Lira *et al* (2017), as vítimas possuem maior propensão ao desenvolvimento de psicopatologias graves, afetando diretamente o amadurecimento psicológico e sócio afetivo. No entanto, para o autor existem critérios para determinar o grau de severidade dos impactos causados pelo fenômeno em questão, devendo ser avaliados a idade da vítima, o número de ocorrências, a existência de vínculo com o abusador, a duração do ato, a presença de ameaças e chantagens caso haja a revelação.

Os sintomas atingem todas as esferas de atividades, podendo ser simbolicamente a concretização, ao nível do corpo e do comportamento, daquilo que a criança ou o adolescente sofreu. Ao passar por uma experiência de violação de seu próprio corpo, elas reagem de forma somática independentemente de sua idade, uma vez que sensações novas foram despertadas e não puderam ser integradas (Prado, 2004, p. 64).

Desse modo, existem manifestações em curto e em longo prazo. As primeiras aparecem logo após o evento traumático, tais como o medo do agressor, isolamento e fobia social, depressão, desregulação do sono, distúrbios de aprendizagem e alimentação, sentimento de humilhação, vergonha e medo, rejeição excessiva e culpabilidade (Saxe *et al.*, 2002). Já no que se refere às consequências tardias, esses autores citam pensamentos invasivos, ideação suicida, perda de realidade, comportamentos agressivos, incapacidade de resolução de conflitos interpessoais, dificuldade para diferenciar o que é real do imaginário, abuso de substâncias psicoativas e até mesmo disfunções sexuais, refletindo na homossexualidade.

Soma-se aos danos causados, conforme informado pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2011), a possibilidade de uma gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis, transgredindo ainda mais os direitos das vítimas e enfatizando a visão de uma sociedade machista, em que o homem obtém controle até mesmo do corpo feminino. Também é possível, conforme exposto por Lira *et al.* (2017) ocasionar

comportamentos sexualmente inadequados, levando-as à prostituição ou ainda resultando na dificuldade em ter orgasmos durante o ato, devido a desacreditarem no objetivo da relação apenas com fins prazerosos.

Quando a mulher passa por essa experiência na infância, ainda de acordo com Lira *et al.* (2017), impactos catastróficos podem ser avaliados e altos níveis de estresse pós-traumático são evidentes, bem como a incapacidade de auto perdão, transparecendo uma visão de que as vítimas são unicamente responsáveis, as lembranças as perseguem e a vivência parece difícil de ser encarada. Além disso, os autores afirmam que uma das alterações emocionais mais frequentes é a baixa autoestima, considerando que o abuso sexual, por sua natureza, viola o corpo, a identidade e a integridade emocional da pessoa, acarretando em sentimento de impotência, perda de controle e desvalorização pessoal (Lira *et al.*, 2017).

Outro fato que desperta a curiosidade para Cerqueira *et al.* (2023), é por conta da maioria das vítimas não encorajarem-se para realizar a denúncia ou até mesmo contar o acontecimento a alguém próximo que possa lhe ajudar a tomar as medidas cabíveis. Segundo o autor, a denúncia é o primeiro passo para que a violência seja reconhecida, pois a partir dela o problema passa a ser discutido e incorporado às políticas públicas, buscando formas de definição, soluções, ações, tratamentos e até mesmo a criminalização dessa violência. Contudo, o medo de enfrentar o exame pericial, o receio de não ser acreditada e o sentimento de vergonha e humilhação são barreiras que dificultam a decisão de revelar a violência sexual, tornando ainda mais difícil a busca por ajuda (Cerqueira *et al.*, 2023).

Soma-se às informações supracitadas, a conclusão de que mulheres violentadas dessa forma, independente da faixa etária em que a violência ocorreu, sofrem com as consequências advindas diariamente, impactando todas as suas relações cotidianas, de tal forma que estivessem fadadas a ocuparem essa posição em novas traumatizações, não somente em relacionamentos amorosos, mas em todas suas dinâmicas relacionais, impedindo-as de obter controle sobre suas próprias vidas, mesmo que inconscientemente (Early, 1993).

Abuso sexual enquanto trauma psíquico

Para Ferenczi (1992), falhas na relação entre o sujeito e o outro resultam na experiência traumática e podem causar a desorganização de seu aparelho

psíquico, influenciando todo o processo de subjetivação do indivíduo. O autor ainda evidencia que a negação ou desvalorização do abuso torna a experiência ainda mais traumática, fazendo com que a vítima duvide de suas próprias percepções e perca a confiança nos outros, causando uma angústia profunda, gerada pela sensação de abandono e desamparo.

Já na visão de Freud (1996), o trauma caracteriza-se por um acúmulo de excitações intoleráveis para o psiquismo do sujeito, as quais acarretam perturbações mentais. Na perspectiva do autor, há a existência de duas etapas traumáticas, a primeira diz respeito à vivência de uma experiência abusiva pela criança, de forma imatura e sem ligação com a sexualidade, esta sentida como sem saída. A segunda ocorre na puberdade, ganhando cunho sexual e reinterpretando a experiência infantil, transformando-o em uma situação traumática de fato (Freud, 1996).

Ainda, Freud (1986) estabelece a ligação entre os sintomas de histeria e trauma psíquico, apontando que todas as incongruências devem ser devidamente analisadas, pois afetam o desenvolvimento do indivíduo e de sua neurose. Logo, o psicanalista define a experiência sexual precoce como um fator determinante na causa de psiconeuroses de defesa. Esse potencial traumático permanece adormecido até que inconscientemente uma lembrança produza a ressignificação do evento e conseqüentemente manifeste sintomas neuróticos, tratando -se de uma "operação póstuma de um trauma sexual na infância" (Freud, 1994, p.167).

Consideremos o caso de uma pessoa sujeita a um trauma, sem antes ter estado doente, e talvez, mesmo sem ter qualquer predisposição hereditária. O trauma deve satisfazer a certas condições. Deve ser grave - isto é, ser de uma espécie que envolva a ideia de perigo mortal, de uma ameaça à vida. Mas não deve ser grave no sentido de pôr termo à atividade psíquica. De outra forma, não produziria o resultado que esperamos dele (Freud, 1994, p.37).

Conseqüentemente, para Freud (1994), a visão de trauma no campo da psicanálise estende-se à forma como a situação é internalizada e processada por cada indivíduo, de maneira singular a depender de cada caso. Soma-se ao estudo do autor, a proposta de que uma situação traumática pode ocasionar a formação de sintomas, como repressão, neurose e outros distúrbios emocionais, os quais afetam a vítima inconscientemente. Essa experiência reprimida, segundo o autor, pode manifestar-se em sintomas físicos ou psíquicos, como sonhos ou atos falhos, que são

tentativas da mente em lidar com o material traumático, concluindo então que o trauma desempenha um papel central na psicanálise, sendo fundamental para a compreensão de eventos passados, bem como para moldar as dinâmicas psíquicas e influenciar o comportamento atual de um indivíduo (Freud, 1994).

Ressignificação do trauma através do processo analítico

Antes de abordar a importância do trabalho analítico, é relevante compreender o conceito de “Cultura do Estupro” no Brasil. Esse termo diz respeito aos comportamentos e ações que reforçam o estupro cometido contra mulheres, com certo grau de normalização (Bandeira, 2014). Ainda, é importante destacar a existência de “normas” culturais para o sexo feminino, como o fato de ensinarem mulheres a nunca andarem sozinhas e não usarem roupas curtas para que não sejam abusadas, as quais de acordo com Bandeira (2014) naturalizam a violência sexual e transferem a responsabilidade do abuso para as mulheres, desconsiderando a má conduta masculina.

Dessa maneira, Campos (2017) aborda que o fenômeno do abuso sexual contra mulheres é um problema em nível de políticas públicas, voltando o olhar não apenas para a vítima, mas sim para toda a sociedade, pois vincula-se à negação de direitos considerados universais, como à liberdade, igualdade e à vida. Segundo o autor, essa cultura intensifica ainda mais o fato de a vítima ter que provar constantemente que realmente foi abusada e não tratar-se de uma relação sexual consentida, como a maioria dos agressores justificam. Esta tese explica o motivo da resistência em efetuar a denúncia, visto que essas mulheres não acreditam na possibilidade de o estupro ser legalmente compreendido como tal (Campos, 2017).

Dessa forma, ao analisar todos os fatores associados à temática e de acordo com Oliveira *et al.* (2023) é notável a importância de as vítimas realizarem acompanhamento terapêutico com o intuito de evitar a repercussão de danos ainda mais graves e também como enfoque orientativo, pois é através do processo analítico que o indivíduo se reconhece como vítima de uma violência e encontra meios para reconstruir, de forma gradual, sua imagem corporal danificada.

Em consonância, Winnicott (1988) destaca que a Psicanálise busca realizar a resignificação do trauma, em que o analista estimula o paciente a atribuir novos significados à experiência traumática, fazendo com que a vítima reviva o evento

mentalmente. No entanto, para o autor essa regressão trará novos significantes, modificando a visão do paciente e tornando-o mais ativo em seus pensamentos, atitudes e comportamentos. Durante as sessões, portanto:

No exemplo mais simples possível, uma pessoa que está sendo analisada consegue corrigir uma experiência passada, ou uma experiência imaginária, ao revivê-la em condições simplificadas nas quais a dor pode ser tolerada porque está sendo distribuída ao longo de um período de tempo; tomada, por assim dizer, em pequenas doses, num meio ambiente emocional controlado (Winnicott, 1982, p. 36).

Porém, Winnicott (1994) ainda ressalta que, quando essa experiência traumática acontece na infância, para superá-la é necessário que a situação seja regredida novamente à posição de dependência, mas agora dentro do *setting* terapêutico. Com isso, o autor afirma que um setting seguro e acolhedor possibilita que o indivíduo assemelhe o ambiente aos cuidados maternos recebidos anteriormente e se esforce para o reposicionamento do ego. Nessa desconstrução da ideia de fracasso pessoal, destaca-se o papel do analista ao ser interpretado como o cuidador, obtendo funções defensivas e atendendo às necessidades momentâneas do sujeito, fato que pode facilitar o processo de regressão e conseqüentemente, a elaboração de questões mais intrínsecas de seu psiquismo (Winnicott, 1994).

Ao analisar as informações expostas até o momento e compará-las com os escritos de Freud (1994), conclui-se que a capacidade de resignificação possibilita ao ser humano libertar-se do destino exclusivo da repetição, bem como da repressão. No entanto, o autor esclarece o quão importante é ressaltar que apesar de emergir no âmbito individual, a resignificação pode impactar o contexto coletivo, evidenciando a necessidade de mudanças em perspectivas sociais, à medida em que o trabalho psicanalítico busca desafiar essas defesas psíquicas, possibilitando que o sujeito aprenda a lidar com sua dor emocional, de modo que as marcas do abuso sexual não sejam apagadas ou curadas, mas sim, reelaboradas (Freud, 1994).

Por fim, durante o percurso terapêutico e através da elaboração simbólica, realizada por meio da associação livre e interpretação de sentimentos, Freud (1994) afirma que a mulher aprenderá a posicionar-se como sujeito de desejo e não apenas como vítima em sua trajetória de vida. No entanto, o autor enfatiza que, para alcançar esses resultados, é necessário que busquem ajuda profissional, pois necessitam de um olhar mais sensível e cauteloso para conseguir transfigurar as

repercussões causadas, dando espaço à regressão terapêutica em busca da reintegração das partes dissociadas do eu.

CONCLUSÃO

Ao longo do desenvolvimento deste artigo, verifica-se que o abuso sexual vivenciado por mulheres acarreta impactos profundos e duradouros na constituição da subjetividade, afetando diretamente a maneira como as vítimas posicionam-se no mundo. A experiência traumática influencia na forma como a mulher constrói sua identidade, sendo atravessada por marcas psíquicas e emocionais. Logo, entende-se que o abuso sexual não é um fator isolado, mas sim um evento que gera comprometimentos subjetivos, influenciando na capacidade de elaboração simbólica.

No entanto, a resignificação realizada por meio do trabalho analítico fundamentado na psicanálise, mostra-se como um eficiente caminho de reconstrução, permitindo a reelaboração e possibilitando que a mulher reconquiste sua posição de sujeito de desejo, deslocando-a do aprisionamento como objeto de violência. Consequentemente, o trabalho terapêutico contribui não apenas para a superação do sofrimento psíquico, mas também possibilita o reposicionamento social, impulsionando o fortalecimento da identidade da vítima, de modo que não se reduza à marca da violência sofrida.

Em relação à atuação do psicólogo, é importante atentar-se à capacitação que esses vêm recebendo, para que os atendimentos sejam realizados de forma acolhedora, eficaz e principalmente para que a ética da profissão seja respeitada. Seja no campo clínico, por meio da escuta qualificada, ou no campo social, atuando nos bastidores da elaboração e implementação de protocolos, esse profissional desempenha um papel determinante no processo de reconstrução da subjetividade da vítima, bem como na atuação como agente de transformações sociais que sustentam a violência.

Diante do exposto, o presente artigo visou conscientizar a importância da integração entre políticas públicas, o incentivo à denúncia e a atuação responsável do psicólogo como pilares essenciais no enfrentamento ao abuso sexual contra mulheres. Conclui-se, portanto, que, através do acolhimento terapêutico adequado e de um contexto social comprometido com a proteção e igualdade de gênero, é factível

ressignificar o trauma e proporcionar novos caminhos para uma vida digna, destacando o empoderamento feminino.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Lourdes. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**: norma técnica. 3. ed. Brasília: Editora MS, 2011.
- CAMPOS, Carmen Hein. **Criminologia feminista**: teoria feminista e críticas às criminologias. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.
- CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. **Violência doméstica contra a mulher no Brasil**: análise da Lei Maria da Penha, nº 11.340/06. 3. ed. rev., ampl. e atual. com jurisprudência. Salvador: JusPodivm, 2012.
- CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2023**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.
- EARLY, E. **The raven's return**: the influence of psychological trauma on individuals and culture. Chiron Publications, Wilmette, 1993.
- FERENCZI, Sándor. **Confusão de línguas entre adultos e crianças**. In Obras completas: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Trabalho publicado originalmente em 1933).
- FREUD, Sigmund. **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos**: uma conferência. V.3, p.37-47. 1893. (Trabalho publicado originalmente em 1994).
- FREUD, Sigmund. **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa** (1896). In: STRACHEY, J. (Org.). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 3, p. 157-173.
- FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre Psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 16, p. 289-539, 1996. (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GRANJEIRO, Ivonete. **Abuso sexual infantil**: a dimensão interdisciplinar entre Direito e Psicologia. Brasília: Recanto das Letras, 2013.
- INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Sobre os dados da violência contra as mulheres no Brasil**. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão, 2022. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/sobre-os-dados-da-violencia-contra-as-mulheres-no-brasil/> Acesso em: 16 mar. 2025.

LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e; RODRIGUES, Vanda Palmarella; RODRIGUES, Adriana Diniz; COUTO, Telmara Menezes; GOMES, Nadirlene Pereira; DINIZ, Normélia Maria Freire. Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 26, n. 3, p. 1-10, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Fq8Cq6F7bcbZRNhxFqKTMTR/> Acesso em: 17 maio 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

OLIVEIRA, Aline César de; SILVA, Gabrielly Góes do Nascimento; OLIVEIRA, Giovanna Ragusa Christiano; MOREIRA. A reconstrução do eu: transtorno do estresse pós- traumático em mulheres vítimas de violência sexual. **Revista Contemporânea**, Caruaru, v. 4, n. 12, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV4N12-276>.

PORTO, Maria. Violência contra a mulher e atendimento psicológico: o que pensam os gestores municipais do SUS. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 426–439, set. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/bFwrhK5bWyYZ6xLqv9mpHzk/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 16 mar. 2025.

PRADO, Maria Aparecida de Souza. **O corpo e o sofrimento: o impacto do abuso sexual infantil na constituição do sujeito**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SAXE, Glenn N.; CHAWLA, Neharika; VAN DER KOLK, Bessel A. **Self-destructive behavior in patients with dissociative disorders**. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, v. 32, n. 3, p. 313–320, 2002.

VENÂNCIO, José Luiz.; LEAL, Vera Maria da Silva. Importância da atuação do Psicólogo no Tratamento de Mulheres com Câncer de Mama. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Rio de Janeiro, [S. l.], v. 50, n. 1, p. 55–63, 2004. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/2059>. Acesso em: 16 mar. 2025.

WINNICOTT, Donald Woods. **Natureza humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. São Paulo: Martins Fontes, 1965.

WINNICOTT, Donald Woods. **O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. (Trabalho original publicado em 1965).